

# INFORMAÇÃO E TRABALHO

## As Perspectivas de Qualificação na Sociedade Contemporânea

**Marileuza Fernandes**

Escola Técnica Federal da Paraíba  
Av. 1º de Maio, 720 - Jaguaribe - João Pessoa - PB  
CEP.: 58015-430 - Fone: (083) 241-2200 - Fax: (083) 221-1434  
e-mail: dae@jpa.etfpb.br

### *Resumo*

*Este trabalho discute a idéia de informação e a importância da informação científica e tecnológica no mundo do trabalho e as necessidades de qualificação de mão-de-obra para o setor produtivo, a partir da perspectiva da qualificação enquanto espaço informacional.*

### 1. Introdução

A informação, enquanto apreensão da realidade, originada da síntese das impressões sensoriais e das atividades do sujeito é inerente ao homem. Quando organizada, sistematizada e processada constitui-se na base do conhecimento. Mas isto só ocorre se houver comunicação, o que coloca a questão da identificação de códigos comuns ao grupo e embora possa assumir graus diversos de dificuldades de decodificação, desde que a mensagem seja compreendida haverá comunicação, logo transferência de informação.

Depreende-se, pois, que para haver efetiva transferência de informação faz-se necessária a existência da informação, meio de comunicação, código, emissor e receptor.

Desde a aurora da humanidade os homens trocam informações entre si e dentro dos limites de sua contextualização, já nesta época, informação relacionava-se ao poder e à própria capacidade de sobrevivência, alterando as possibilidades das condições de vida.

Ao longo do processo histórico de qualquer formação econômico-social concreta encontra-se a informação interrelacionada com o poder e as transformações da sociedade, até porque, enquanto matéria-prima do conhecimento é impulsionadora de mudanças.

A capacidade humana de mudar as relações entre si e com a natureza é incomensurável. O homem constrói relações sociais, cria idéias, interpreta, produz e reproduz a sociedade; recria a natureza e, assim, revoluciona as condições de sua existência, a partir do conjunto das informações produzidas pelo grupo.

A aventura humana é permeada por mudanças, das mais simples, até as mais complexas, geradoras de novos paradigmas. Assim, o homem vem superando estágios sucessivos de desenvolvimento, alterando toda teia de relações, em torno de si, através de rupturas com o sistema então existente, ressaltando-se que um sistema sempre traz em seu bojo o germe daquele que lhe sucederá. Portanto, a mutabilidade é uma característica inegável dos grupos humanos e dos sistemas por eles construídos.

### 2. A Evolução da Idéia de Informação

A idéia de informação remete de imediato ao processo de inter-relações entre os homens e destes com a natureza. Estes contatos são mediados pelos órgãos sensoriais que encaminham ao cérebro percepções que são ali decodificadas. No entanto, além deste mecanismo primário, o homem concebeu sistemas de receber e transmitir informação mediado por tecnologias que vão de um rufar de tambor entre povos tribais às infovias planetárias. A informação pode, portanto, ser entendida como produto de um processo interativo entre os homens, os seres e os objetos ao seu redor. Independente do mecanismo utilizado, a informação é uma necessidade básica do ser humano, a ser suprida em consonância com as

suas possibilidades e potencialidades de emissão e recepção. Como afirma MARTELETO, 1995: p.90, a “cultura é o primeiro momento da construção conceitual da informação”.

A palavra informação designa preliminarmente, “dados sobre algo ou alguém”, “notícia”. Apropriada por diversas áreas do conhecimento humano, o seu sentido foi elástico e adaptado a diferentes situações.

Para LE COADIC, 1996: p.5, “informação é um conhecimento inscrito (gravado) sob forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual”. Existem discussões sobre informação e conhecimento que reconhecem a dificuldade de estabelecer fronteiras entre ambos, contudo vale ressaltar a corrente que entende informação enquanto interpretação de dados, ao passo que o conhecimento implicaria um processo mental relacionando os dados, derivando destas premissas a idéia de que é a informação *processada* que gera conhecimento.

A informação chega também a ser tida como documentação, todavia a informação é abstrata, incorpórea, ao passo que a documentação pode ser considerada um suporte, a base física que estabelece uma espécie de concretude para a informação.

Dentre outras, uma das importantes funções da documentação de qualquer espécie situa-se na sua capacidade de reter a informação independente da memória humana, contribuindo para a acumulação do conhecimento, permitindo-lhe ser usada, multiplicada e disseminada indefinidamente.

FERNANDES, 1991: p.165, situa algumas definições de informação resgatadas de estudiosos do tema, que entendem informação “enquanto conhecimento acumulado”; “processo no qual dados se transformam em informação, conhecimento e até sabedoria”, dentre outras.

PINHEIRO e LOUREIRO, 1995: p.45, buscam, em teóricos, definições que acrescentem elementos ao debate. Nesta ótica recupera Jesse Shera, para quem informação “é o estímulo que recebemos através de nossos sentidos. É uma unidade de pensamento”; para D. McKay, “é o que se acrescenta a uma representação. Recebemos informação se o que

conhecemos é alterado”; Farradane “propôs a informação como representação ou substituto físico do conhecimento”. Em nível conceitual Saracevic relaciona informação à relevância, isto é, existe a informação e a informação relevante.

Na abordagem funcionalista a informação é “considerada ora como elemento redutor de incertezas, ora como recurso para a tomada de decisão ou ainda como modificadora da estrutura cognitiva do receptor”. (MARTELETO; 1995: p.21)

É infundável o número de definições para informação, em especial se não houver uma perspectiva objetiva e mesmo assim em uma mesma ótica, de acordo com a concepção teórica, pode haver apenas um consenso relativo, confirmando a assertiva de PINHEIRO e LOUREIRO, 1995: p.44, que diz ser informação “um conceito controverso e enganoso de variadas definições que se forma por uma série de conceitos heterogêneos com complexos relacionamentos”.

Em que pese as ambigüidades da definição de informação, FERNANDES, 1991: p.166, nomeia algumas características básicas de informação que, sem dúvida auxilia no processo de compreensão desta categoria.

A informação, nesta visão seria tipicamente humana, multiplicável, substituível, transferível, difusiva e compartilhável. Para além disto, a informação tem valor relativo ao uso, não é consumida com o uso, não pode ser quantificada, constituindo-se na verdade em uma abstração.

MARTELETO, 1987, discute o estatuto da informação no mundo contemporâneo, a partir de uma tripla perspectiva: a informação como elemento regulador dos sistemas, fator de mudança social e como fenômeno próprio da pós-modernidade.

Na visão sistêmica da informação, as ações do homem são constituídas por conjuntos de elementos em interação. Enquanto fenômeno informacional, a finalidade do sistema é atingir um excelente nível de performance nos processos comunicacionais com o mínimo possível de tempo e de perda de energia. A informação é quantificável e é considerada como um elemento que regula os sistemas.

Sendo uma abordagem subtraída de teorias referenciais das ciências exatas e áreas congêneres é compreensível a postura mecanicista que se adota.

Na segunda perspectiva, a autora aponta as correntes que relacionam informação, conhecimento e mudança social, cujas bases teóricas encontram-se em uma das versões, na Teoria da Indústria Cultural gerada pela Escola de Frankfurt e a outra desenvolvida através da Teoria dos Aparelhos Político-Ideológicos. Estas abordagens são denominadas críticas ou dialéticas.

Enquanto fenômeno próprio da pós-modernidade, a informação “seria o elemento que mediatiza os processos de apreensão da realidade, e as próprias relações sociais”. MARTELETO, 1987: p. 117

Neste caso tem-se, entre o homem e a realidade, os meios tecnológicos de comunicação, que recriam o mundo à sua maneira, caracterizando-se estas sociedades pela saturação de informações. Cabe-nos, no entanto, questionamentos a propósito de quem tem acesso às informações e qual o sentido e relevância destas, para quem as recebe.

### 3 - A Sociedade de Informação e o Processo de Globalização

O rápido e incessante ritmo do desenvolvimento de tecnologias de informação aliado à intensa produção da ciência desencadeou significativas alterações no processo produtivo o qual tornou-se dependente da informação científica e tecnológica cuja abundância é uma das características da denominada Sociedade de Informação.

Desde fins do século passado alguns meios de comunicação a distância começaram a ser criados e a sofisticarem-se continuamente, expandindo o espaço da informação. Com o advento da bomba atômica muda a face do planeta é o denominado “fim da infância”.

A este fato segue-se um conjunto de reflexões que dão conta que o mundo não é mais o mesmo, uma página da história havia sido virada.

Em 1957 a criação do chip, base para a criação de computadores desencadeou uma verdadeira

revolução no mundo da informação e da comunicação, tanto no processo de trabalho, como no de organização da informação.

Aliando a explosão documental e bibliográfica decorrentes das atividades científicas pós-guerra, à tecnologia e ao crescimento e aperfeiçoamento dos meios de comunicação abre-se uma nova perspectiva para a informação.

As sociedades que completaram o ciclo da industrialização penetram em um novo estágio evolutivo que se caracteriza pela saturação de informações, racionalidade produtiva, tecnociência aplicada à informação e à comunicação e concentram-se no consumo de serviços, o que leva SANTOS, 1986: p.93, a afirmar “o trabalho pós-moderno é um jogo comunicativo entre pessoas”.

A Sociedade de Informação é definida por SCHAFF, 1993: p.49, da seguinte forma:

*“Quando falamos de sociedade informática referimo-nos a uma sociedade em que todas as esferas da vida pública estarão cobertas por processos informatizados e por algum tipo de inteligência artificial, que terá relação com computadores de geração subseqüentes”.*

Para ARAÚJO: 1996 p. 3, “sociedade de informação se difunde e se define como a etapa do desenvolvimento da sociedade que se caracteriza pela abundância de informação organizada”. A mesma autora afirma:

*“o espaço de produção desta sociedade não é mais a fábrica ou o escritório, mas o conjunto do meios, que é antes de tudo um conjunto de informações mais específicas, científicas, tecnológicas, comerciais, financeiras e culturais, difundidas de forma rápida e interativa”.*

Um olhar, mesmo distraído, por sobre o mundo vai mostrar que as bases da Sociedade de Informação estão se infiltrando sorrateiramente onde nem se imaginava possível. Disto se

encarrega a televisão, o avião, o rádio, o fax, os satélites geo-estacionários, os computadores, a xerox, a INTERNET e inúmeras outras tecnologias, cujo alcance desconhece fronteiras de quaisquer tipos, incluindo-se aí a linguagem, pois a imagem também viaja pelo espaço cibernético vagando até pelo espaço sideral na busca de quem mais conquistar. O planeta tornou-se pequeno. O desenvolvimento tecnológico, portanto, abriu espaço para o fenômeno da globalização como uma das “faces” da Sociedade de Informação.

Segundo IANNI, 1997: p.39,

*“As sociedades contemporâneas, a despeito das suas diversidades e tensões internas e externas, estão articuladas numa sociedade global. Uma sociedade global no sentido de que compreende relações, processos e estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais, ainda que operando de modo desigual e contraditório. Neste contexto, as formas regionais e nacionais evidentemente continuam a subsistir e atuar”.*

A idéia de globalização remete a um processo através do qual as sociedades são atingidas em todos os seus aspectos, por influências transnacionais.

Este surto globalizador emerge de uma nova etapa do capitalismo, decorrente da internacionalização do capital, atrelada ao vertiginoso ritmo das inovações provenientes da terceira revolução tecnológica.

O processo de globalização constitui-se também em uma estratégia de expansão de negócios que assimetricamente envolve as nações em um torvelinho sócio-político-econômico e cultural e, nesta nova dinâmica internacional, um dos impulsionadores do capital é a rapidez da difusão tecnológica, ocasionando uma outra modalidade de desenvolvimento caracterizado por novas formas de produção e administração, que irão propiciar a “transformação da economia mundial em um espaço único de produção e troca” GOLDENSTEIN (1994, p. 100).

#### 4. A Inserção do Brasil na Sociedade de Informação

Saindo de forma violenta do estágio pré-histórico para a Idade Moderna européia, a sociedade, então existente no Brasil, sofreu uma ruptura catastrófica em suas relações interpessoais e com a natureza.

A sociedade que emergiu da invasão européia era estigmatizada pela sua origem mestiça, diferente até na forma de pensar, apesar dos esforços jesuíticos.

Enquanto Colônia de Exploração, presa ao Pacto Colonial, assimilou a idéia de dependência quase como natural e, apesar dos momentos de revolta, o ideário não atingia a essência do “ser dependente”. É tanto que a Independência terminou se constituindo parcialmente em uma mudança de pólo de dependência.

A Europa Moderna já valorava a informação, até porque ela foi essencial na sua expansão mercantilista, considerada inclusive por OLIVEIRA: 95 p. 3 “o primeiro grande surto de globalização das atividades mercantis”. De fato, às colônias não era permitido possuir imprensa e as comunicações eram dificultadas para evitar complôs contra a Metrópole.

A formação do Estado Brasileiro teve por base a organização de um império liberal, persistentemente colonial, posto que não caracterizou alterações significativas na estruturação da sociedade colonial.

Durante o Segundo Reinado, o país realiza algumas iniciativas rumo ao processo de industrialização, urbanização e modernização buscando a sintonia de suas atividades com o capitalismo europeu.

A abolição da escravidão, imperativo da Revolução Industrial, reelabora as possibilidades da organização social brasileira, especialmente, a médio e longo prazo. O advento da República, por sua vez, reordena a cena política nacional.

A história da sociedade brasileira, em seus múltiplos aspectos foi constituída em bases informacionais, no mínimo questionáveis.

No período colonial, a circulação de

informações pode ser considerada restrita. Com a independência houve a liberação da imprensa e das comunicações sob a guarda vigilante do Poder Moderador. Com a República e o início efetivo da industrialização, o espaço da informação ampliou-se, posto que a circulação de informação constitui-se em um fenômeno de repercussões políticas e econômicas.

É necessário ressaltar que a industrialização brasileira, realizada através da substituição de importações, constituiu-se em um momento de ausência de informação tecnológica.

O fato é que hoje, em termos nacionais, praticamente todos os espaços do setor produtivo estão conectados ao processo de globalização, GOLDENSTEIN (1994, p. 101) afirma: “a competição é global e não só para as grandes corporações multinacionais, mas também para as pequenas e médias empresas que se conectam por intermédio de suas ligações com as redes que as relacionam com as grandes firmas”.

Firma-se, assim, a relevância do desenvolvimento de atividades permanentes de qualificação do trabalhador, considerando que as inovações tecnológicas atingem praticamente todas as rotinas de trabalho em quase todas as sociedades envolvidas no processo de globalização.

Neste contexto, a qualificação pode ser entendida como aquisição de conteúdo para realização de trabalho, seja em nível de habilidade ou conhecimento. Todavia FRIGOTTO (1996, p. 31) amplia o espaço da qualificação considerando-a inerente ao desenvolvimento de condições físicas, mentais, afetivas, estéticas e lúdicas do ser humano (condições omnilaterais) capazes de ampliar a capacidade de trabalho na produção dos valores de uso em geral ...”.

## 5. Conclusões

O aumento da capacidade produtiva com base na aplicação da informação científica e tecnológica está transformando o mundo do trabalho e criando outras formas de desenvolvimento de atividades humanas relacionadas ao que se convencionou para a categoria “trabalho”, até então.

O crescente aumento da automação na

indústria e a dependência da informação colocam em cena as atividades vinculadas à coleta, processamento e transmissão de informação, como também objetiva a supervisão, manutenção e otimização dos processos e sistemas, de maneira a garantir a confiabilidade das máquinas e a administração de problemas, o que supera de forma substancial o processo de intelectualização do trabalho manual.

Em assim sendo, as atividades de qualificação e requalificação de mão-de-obra são essenciais, para que sejam desenvolvidas competências outrora menos exigidas pelo mercado de trabalho, tais como, capacidade de diagnóstico, interpretação e transação, além do domínio das relações interpessoais e valorizando sobremaneira as competências cognitivas e comunicacionais capazes de favorecer o indivíduo na compreensão global do processo produtivo e na apreensão da realidade e a extrema mutabilidade que lhe é peculiar, facilitando assim o seu situar-se no mundo do trabalho

## 6. Referências Bibliográficas

- [1] MARTELETO, Regina. Cultura, Educação, Distribuição Social dos Bens Simbólicos e Excedente Informacional. In: *Informare*. RJ v. 1 n. 2 jul/dez 1995.
- [2] LE COADIC, Y. A Ciência da Informação. In: *Ciência da Informação*. Briquet de Lemos Livros. DF. 1996.
- [3] FERNANDES, Pedro O. Economia da Informação. In: *Ciência da Informação*. Brasília 20 (2) jul/dez. 1991.
- [4] PINHEIRO, Vânia e LOUREIRO, José, Traçados e Limites da Ciência da Informação. In: *Ciência da Informação*. Brasília. 24 (1) jan/abril. 1995
- [5] MARTELETO, Regina. Informação: Elemento regulador dos sistemas, fator de mudança social ou fenômeno pós-moderno? In: *Ciência da Informação*. Brasília. 16 (2) jul/dez. 1987.
- [6] SANTOS, Jair. O Que é o Pós-Moderno. Col. Primeiros Passos. Ed. Brasiliense. SP. 1996
- [7] SCHAFF, Adam. A Sociedade Informática. 4ª ed. Ed. UNESP/Brasiliense. SP.

1993.

[8]ARAÚJO, Eliany A. A Sociedade de Informação: Espaço da palavra onde o silêncio mora: In: Ensaios APB. N.º31. SP. Jun. 1996.

[9]IANNI, Otavio. A Sociedade Global. 5ª ed. Ed. Civilização Brasileira. RJ. 1997

[10]GOLDENSTEIN, Lidia. Repensando a

dependência. Ed. Paz e terra. RJ. 1994

[11]OLIVEIRA, Amaury. Globalização e Sociedade de Informação. IEA/USP. Mineog. 1995.

[12]FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e a crise do capitalismo real. 2ª ed. Ed. Cortez. SP. 1996.